

Sucesso como flanelinha

ANDRESSA CARDOSO/AT

Marcos Costa criou 12 filhos e adquiriu casa e carro atuando como guardador de veículos. "Procuro fazer um trabalho bonito"

AJ16934

Anna Beatriz Brito
Leticia Orlandi

Com 36 anos de atividade, o guardador de carros Antônio Marcos Costa criou 12 filhos, e adquiriu casa e carro com a renda gerada na rua 23 de Maio, no centro de Vitória.

A receita para isso foi muito trabalho e carinho com os clientes, diz ele. "Procuro fazer um trabalho bonito. Quando você respeita a sociedade, só tem a lucrar com isso. Não tenho do que reclamar. O primeiro veículo que tive foi a comunidade que me deu, há 10 anos. Cerca de 90% do que tenho foi dado pelos clientes", disse Antônio.

Antônio aproveitou o primeiro dia de cadastramento de flanelinhas para ir ao Ministério do Trabalho pegar a lista de documentos necessários para o registro, que ele defende como primordial.

"Queremos fazer um trabalho sério, tratar a sociedade com respeito. O registro é certo. Hoje uma pessoa desocupada fala que é flanelinha", afirma.

Antônio confessa que não gosta de ser chamado de flanelinha, mas sim de guardador de carros. Os 12 filhos de Antônio estudaram e, por



ANTÔNIO, que gosta de ser chamado de guardador de carros, com os filhos Leonardo e Maico, que trabalham com o pai no centro de Vitória. Os três usam carteira de identificação, com direito a fotografia

algum momento, trabalharam com ele. Atualmente, três filhos continuam ajudando o pai, entre eles, Leonardo, 15, e Maico Pereira Costa, 18 anos. Todos usam carteira de identificação, com foto.

"Nós temos um trabalho organizado: um faz a recepção ao motorista, dois lavam carros e outro manobra (Antônio, único habilita-

do do grupo). Lavamos de oito a 10 carros por dia", contou.

Antônio considera a abordagem o princípio de tudo, por isso, frequentemente ele organiza reuniões com os próprios filhos para dar orientações sobre como abordar as pessoas.

Mas quem pensa que seu trabalho fica restrito às manobras e la-

vagens de carro está muito enganado. Antônio também participa de reuniões na comunidade e colabora com opiniões.

Além disso, o guardador de carros também leva os clientes em casa quando eles ingerem bebida alcoólica e até viaja com eles. Seu faturamento por mês é de cerca de R\$ 1.500.

Quem também se mantém como flanelinha e defende o registro da profissão é Marcos França. Ele tabela há 10 anos na rua Gonçalves Dias, no centro de Vitória.

"O registro vai melhorar para todo mundo. Eu trabalho honestamente, com tudo certinho, enquanto tem gente que diz que é flanelinha só para fazer bagunça."

Mais de 40 fazem registro

Mais de 40 pessoas procuraram ontem o serviço de cadastramento de lavadores e guardadores de veículos na Superintendência Regional do Trabalho e Emprego, em Vitória.

Foi o primeiro dia de cadastro. Segundo o auditor fiscal do trabalho Alcimar das Candeias da Silva, em janeiro terá início a fiscalização. Quem não tiver o registro será impedido de exercer a atividade no Espírito Santo.

“Com esse registro que estamos promovendo, queremos dividir

com o Estado uma política pró-ativa em relação aos trabalhadores de bem. Também será mais fácil afastar bandidos. Os que não forem registrados não poderão exercer a atividade”, afirma Silva.

O auditor afirmou que o mutirão de cadastramento vai até o final de dezembro. Apesar da ação, quem não quiser pagar ao flanelinha continuará no seu direito.

O registro pode ser feito das 8 às 16h, na rua Cleto Nunes, 353, Parque Moscoso, Vitória. Mais informações pelo telefone 3232-3827.

DOCUMENTOS

Bons antecedentes

- > **CARTEIRA** de Trabalho
- > **ORIGINAL** e cópia do RG
- > **ORIGINAL** e cópia do CPF
- > **ATESTADO** de bons antecedentes
- > **CERTIDÃO NEGATIVA** nos Cartórios Criminais de seu domicílio
- > **CERTIDÃO** de quitação eleitoral
- > **PROVA** de quitação do serviço militar
- > **ORIGINAL** e cópia de comprovante de residência
- > **FOTO** 3x4 centímetros

“Nem todos são bandidos”

O guardador e lavador de carros José Antônio Soares, 49 anos, defende o registro profissional que está sendo feito para a categoria e acha que as pessoas não devem generalizar diante de denúncias e crimes envolvendo a flanelinha. “Nem todos são bandidos. Um erra e todos são condenados”, disse.

Ele atua há mais de 10 anos como flanelinha na rua José Alexandre Buaiz, na Enseada do Suá, Vitória, para aumentar a renda da família. Também é servidor da Prefeitura de Vitória há 26 anos, trabalhando como agente de segurança de patrimônio.

“Fico na rua das 8 às 18 horas, é meu complemento de renda. Trabalho na prefeitura de madrugada. Minha mulher tem um problema de pele e toma um remédio muito caro, que não é disponibilizado de graça. Esse complemento de renda é fundamental para minha família”, explicou.

Segundo José, o clima na rua em que ele atua como flanelinha é bem tranquilo. “Somos em cinco, e a relação é muito boa. As pessoas que trabalham nos prédios e no Tribunal de Contas já são amigas. Ganhamos até cesta de alimentos no final do ano”, diz.

Ele afirma que ele e os colegas não pedem dinheiro. “O cliente é que decide se quer pagar e quanto quer pagar. A cobrança é que gera

esse tipo de problema. Se as pessoas agissem como a gente, não teriam problemas”, disse.

“As pessoas ficam com medo das abordagens porque alguns flanelinhas cobram dinheiro. Se não dão, arrancam o carro”, acrescentou ele, dizendo que vai se cadastrar para ter o registro profissional.

Um dos casos mais recentes envolvendo flanelinhas aconteceu com o Jean Nascimento Régis, 29, que foi preso acusado de arrancar um carro na Praia do Suá. Motoristas o defendem e estão se mobilizando para tirá-lo da prisão.



ANDRESSA CARDOSO/AT

JOSÉ: flanelinha e servidor público